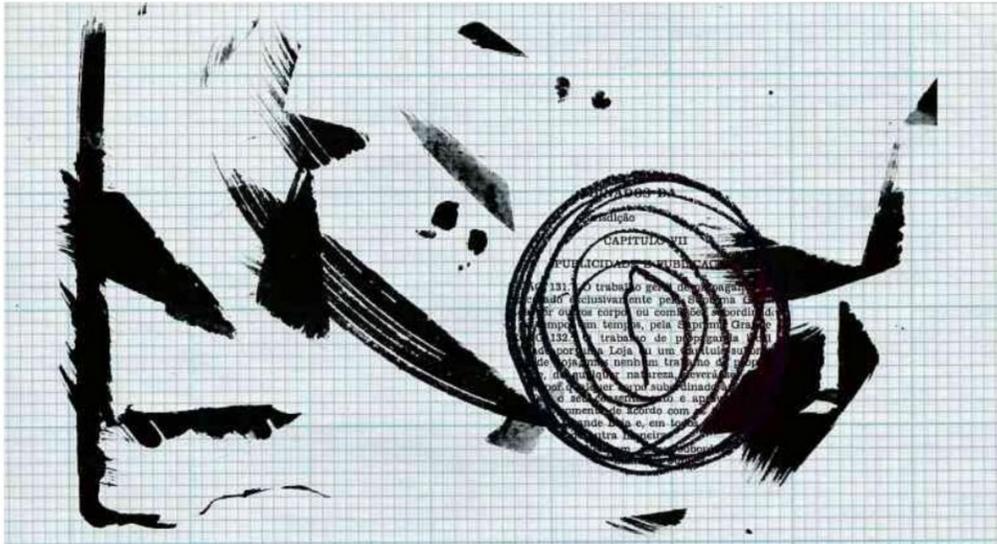


poder



Juliana Freire

O atraso, a energia solar e as patinetes

O que se quer em Pindorama é afogar a concorrência do novo

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

O atraso sabe se defender. Ele precisa de tempo e de um debate embaralhado. Se uma coisa não andou num governo, talvez ande no próximo. A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) apresentou uma proposta para redesenhar as tarifas do mercado de energia solar. Grosseiramente, uma família que mora numa casa e paga R\$ 300 mensais por sua energia pode investir R\$ 15 mil em painéis solares, derrubando sua conta para R\$ 50. Como essa casa está ligada à rede das distribuidoras, elas querem redefinir as normas do mercado, ficando com uma parte do que se economizou.

Desde o ano passado, realizaram-se consultas públicas que duraram até quatro meses, com três reuniões presenciais, em Brasília, São Paulo e Fortaleza. Desse trabalho sobrou muito pouco e a Aneel apresentou uma nova proposta. Nela, para quem já usa energia solar, até

2030 fica tudo como está. Quem entrar nesse tipo de consumo a partir das novas normas, que viriam em 2020, tomará uma tanga crescente, de 30% a 60% do que vier a poupar.

A conduta da Aneel fica esquisita quando se sabe que a nova consulta pública durará 45 dias e desta vez haverá uma só audiência presencial. Seria pressa, vá lá.

Como qualquer assunto relacionado com energia, a discussão das tarifas é coisa complexa. Mesmo assim, sabe-se que a luz do Sol é limpa, produzida pelo Padre Eterno. As distribuidoras sustentam que esse mercado já está maduro e por isso devem cobrar mais de quem está ligado às suas redes.

No Brasil a energia solar está com 0,18% do mercado. O problema do equilíbrio com as tarifas das distribuidoras foi enfrentado em regiões dos Estados Unidos, na Alemanha e na China. Em todos os casos, só se

mexeu nas normas depois que a energia solar tomou em torno de 5% do mercado. O que se quer em Pindorama é afogar a concorrência do novo.

No lance da Aneel há o interesse específico das distribuidoras. O que se pode dizer da Prefeitura de São Paulo apurando as patinetes? Os doutores querem que se definam pontos de estacionamento para elas. Tudo bem, o sujeito pega uma patinete para um percurso de dois quilômetros e depois precisa percorrer mais mil metros para estacioná-la.

Isso acontece numa prefeitura que deveria fiscalizar as caçambas de entulho que se transformam em lixeiras. Desde 2008 uma lei manda que exista um cadastro eletrônico das caçambas. Cadê? Em 2017 a prefeitura (gestão João Dória) prometeu que cada uma dessas lixeiras a céu aberto teria um chip e assim seria possível evitar que elas ficas-

sem nas ruas além dos prazos permitidos. Cadê?

No caso das patinetes o atraso ataca o novo apenas porque ele apareceu.

A Hiroshima de Janot

O Intercept Brasil revelou que, às 20h11 do dia 17 de maio, o procurador Deltan Dallagnol disse o seguinte a uma colega:

"Janot me disse que não sabe se Raquel é nomeada porque não sabe se o presidente vai cair".

Poucas horas antes da conversa de Janot com Dallagnol havia explodido a bomba do grampo de Temer com o empresário Joesley Batista, ocorrida em março. Janot conhecia o áudio e, desde o início de maio, sabia também que o repórter Lauro Jardim recebera uma narrativa da conversa gravada.

A frase desconjuntada de Dallagnol revela que naquela noite Janot associava uma possível queda de Michel Temer ao

desejo de bloquear a escolha de Raquel Dodge para o seu lugar. O então procurador-geral da República ficou na situação do japonês de Hiroshima que, em agosto de 1945, acordou, foi ao banheiro, deu a descarga e BUUUM explodiu a bomba atômica. O japonês da piada enganou-se, mas Janot achou que detonara o governo e Temer cairia. Nas 24 horas seguintes, pareceu possível que o presidente renunciasse.

Antes da explosão do grampo de Joesley Batista, Janot teve pelo menos duas conversas com Temer, tratando da sua substituição na procuradoria-geral, pois seu mandato ia até setembro. Em ambas, criticou os colegas que provavelmente viriam na lista tripla da guilda de procuradores, esperada para junho. Seu desapareço pela doutora Dodge era enfático. Na segunda conversa, Temer cortou a manobra dizendo-lhe que se estivesse interessado em ser reconduzido, seria melhor que se inscrevesse como candidato.

A conversa de Janot com Dallagnol também sugere que o procurador-geral dificilmente iria ao Supremo no dia 11 de maio decidido a fuzilar o ministro Gilmar Mendes, matando-se em seguida. Noves fora que ele não estava em Brasília, mas em Belo Horizonte, ele tinha outro projeto: soltar o grampo de Temer, derrubá-lo, impedir a escolha de Raquel Dodge e, quem sabe, ser reconduzido para a procuradoria-geral.

A trompa da Nona

O juiz Marcus Vinicius Reis Bastos, da 12ª Vara Federal Criminal de Brasília, absolveu o ex-presidente Michel Temer no processo em que era acusado de ter obstruído a ação da Justiça no diálogo que manteve com o empresário Joesley Batista.

Os critérios jurídicos que levaram o magistrado a essa decisão são de sua alçada. Contudo, o doutor desqualificou o conteúdo da fita porque o laudo da perícia registra a existência de 76 trechos ininteligíveis

e outros 76 momentos de "descontinuidade".

Os 38 minutos do grampo de Joesley Batista quebraram a perna do governo de Temer. Ele tem trechos ininteligíveis e descontinuidades e enquanto não foi conhecida a sua íntegra, ganhou interpretações precipitadas. Apesar de tudo isso, é uma peça sólida.

Desqualificá-lo pelos detalhes seria o mesmo que negar o desempenho de uma orquestra que tocou a Nona Sinfonia de Beethoven porque a quarta trompa desafinou. A trompa de fato escrocou, mas aquilo que a orquestra tocou era a Nona.

VB na rede

Às vésperas de decisão do Supremo sobre a prisão depois da segunda instância, o general da reserva Eduardo Villas Bôas voltou às redes alertando para o risco de uma "eventual convulsão social".

Se ele falou como assessor especial do Gabinete de Segurança Institucional, a falta de detalhes torna seu alerta um simples asterisco.

Se falou como ex-comandante do Exército, o melhor que se tem a fazer é ouvir o silêncio de três de seus antecessores, os generais Enzo Peri, Francisco Albuquerque e Gleuber Vieira. Comandaram o Exército durante 17 anos, passaram o bastão e deixaram seus sucessores trabalhar em paz.

Embaixador radioativo

O melhor que Bolsonaro tem a fazer é arquivar a ideia de indicar seu filho Eduardo para a embaixada em Washington.

Depois do escândalo da diplomacia de compadrio de Donald Trump e do tenebroso telefonema que deu ao presidente da Ucrânia, o 03 perto da Casa Branca seria uma fonte de radioatividade.

Nova política

Ganha uma licença para queimar três alqueires da Amazônia quem puder dizer um só item de interesse público na briga de Bolsonaro com o PSL e do PSL com Bolsonaro.

Crivella quer vice do PSL para eleição no Rio

Sem nome claro para a prefeitura, partido de Bolsonaro ensaia aliança com atual prefeito de olho no pleito de 2022

Catia Seabra e Ana Luiza Albuquerque

RIO DE JANEIRO Com as bênçãos da família Bolsonaro, o PSL e o prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella (Republicanos, ex-PRB), ensaiam uma aliança para a eleição municipal de 2020 com vistas ao pleito presidencial de dois anos depois.

Pela proposta à mesa, o PSL ocuparia a vaga de vice de Crivella na disputa municipal. Se for reeleito, Crivella deixa o cargo para concorrer ao Senado ou ao Palácio Guanabara em 2022, permitindo que um aliado de Bolsonaro esteja à frente da prefeitura durante a eleição presidencial.

Nesse caso, Crivella poderia reunir nove partidos em torno de sua candidatura.

Essa aproximação foi traçada com o suporte do líder da Igreja Universal e dono da TV Record, Edir Macedo, que, em uma demonstração de apoio, assistiu ao desfile de Sete de Setembro ao lado de Bolsonaro em Brasília.

Sobrinho de Edir Macedo, Crivella esteve no último dia 2 em Brasília para pedir ao ministro da Economia, Paulo Guedes, autorização para pagar apenas em 2020 os juros da dívida da cidade com o BNDES, no valor de R\$ 400 milhões.

O pedido para que o paga-

mento seja adiado em um ano foi encaminhado ao banco, que ainda não concordou com a proposta.

Além da busca por uma saída para as contas do Rio, deputados do PSL estiveram no último dia 7 com o prefeito para discutir a implantação do modelo de escolas militares na rede municipal, projeto que o governador Wilson Witzel (PSC) não abraçou.

Em mais um movimento de aproximação, Crivella empossou na sexta-feira (18) um amigo de Bolsonaro na secretaria de Ordem Pública do município: o ex-árbitro de futebol Gutemberg Fonseca, que ocupou a secretaria de Governo de Witzel por indicação da família do presidente.

Todas essas negociações, porém, correm risco, já que o PSL vive uma guerra interna entre dois grupos: o do presidente nacional da sigla, deputado Luciano Bivar (PE), e do presidente Jair Bolsonaro.

O descontentamento com Witzel propiciou a aproximação dos Bolsonaro com Crivella. O senador Flávio Bolsonaro (PSL-RJ), ainda presidente estadual da legenda, ficou contrariado ao descobrir que uma assessora palaciana é filha do juiz que autorizou a quebra de seu sigilo bancário e fiscal, como revelado pela Folha.

Em recente reunião com a bancada do PSL do Rio, Flávio



O prefeito do Rio, Marcelo Crivella Marcos de Paula/Prefeitura do Rio

se disse decepcionado com o governador. O afastamento entre o presidente Bolsonaro e o governador Witzel, que começou quando o ex-juiz anunciou que disputará a Presidência em 2022, ficou mais evidente em evento recente no Rio.

Após Witzel fazer um discurso digno de candidato, como elogios ao próprio governo, Bolsonaro aproveitou sua fala para mandar um recado

ao governador, eleito com ajuda da onda bolsonarista.

"Trabalho para que, no futuro, quem porventura, de forma ética, moral e sem covardia, venha a assumir o destino da nação encontre a pátria numa situação muito melhor do que encontrei."

Olhando para o governador fluminense, Bolsonaro pronunciou com firmeza a mensagem "de forma ética, moral e sem covardia".

Witzel, por sua vez, pretende lançar um candidato à prefeitura carioca no ano quem vem. Entre as opções, o secretário de Educação, Pedro Fernandes, e o secretário de Governo, Cleiton Rodrigues. Mas não está descartado o convite a uma juíza que atua na área de infância e juventude.

Já o PSL poderá se aliar ao potencial candidato do PSD, o senador Arolde de Oliveira, caso fracasse um acordo com Crivella. Eleito para o Senado em dobradinha com Flávio, ele preside o PSD da capital.

A possibilidade de optar por uma coligação nasce da falta de uma candidatura natural no PSL. Mais votado para Assembleia do Rio, o deputado estadual Rodrigo Amorim não conta com a simpatia do vereador Carlos Bolsonaro (PSC-RJ), filho do presidente.

Recentes arroubos, como a discussão com o prefeito de Mesquita diante do plenário da Casa e a decisão de vistoriar a unidade São Cristóvão do Colégio Pedro 2º sem prévio conhecimento da reitoria, têm pesado contra a pretensão de Amorim de disputar a vaga.

Como se não bastasse, outros dois nomes do PSL anunciaram a disposição de concorrer à prefeitura: o deputado federal Luiz Lima e o estadual Márcio Gualberto.

No Rio, a montagem do pa-

lanque presidencial para a eventual candidatura do governador paulista, João Dória (PSDB), dependerá da decisão do ex-prefeito Eduardo Paes (DEM). O PSDB já manifestou publicamente a intenção de se aliar a Paes, caso ele decida concorrer. Também aguardam essa definição o MDB, o Cidadania e o Avante.

Na esquerda, o PT deverá apoiar a candidatura de Marcelo Freixo (PSOL).

Segundo dirigentes do partido, o PT abriria mão de ocupar a vaga de vice de Freixo, possibilitando a adesão de outro partido de esquerda.

Questionado sobre a hipótese de lançamento de candidatura própria, o presidente estadual do PT, Washington Quaquá, não pestanejou: "Nós vamos de Freixo, que é quem acumulou capital político e eleitoral para liderar uma frente popular nessa eleição".

O desejo do PSOL é ter o PDT ao seu lado já no primeiro turno. A pedetista Martha Rocha é, porém, pré-candidata.

O presidente nacional do PDT, Carlos Lupi afirma que "a candidatura própria é uma necessidade para um partido que tem um candidato a presidente". Questionado sobre a hipótese de acordo com o PSOL ou com o deputado federal Alessandro Molon (PSB), no entanto, admite: "O futuro a Deus pertence".